

ORGANIZADORAS:
ANA LUIZA MENDES, ELEN BIGUELINI E
ROBERTA BENTES



II SEMINÁRIO MULHERES NA HISTÓRIA, NA LITERATURA E NAS ARTES

entre práticas e
representações

CADERNO DE RESUMOS

**11-14 DE
NOVEMBRO |
UFPR REITORIA**





JULHO DE 2020

CADERNO DE RESUMOS - II SEMINÁRIO
MULHERES NA HISTÓRIA, NA
LITERATURA E NAS ARTES
ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

ORGS. ANA LUIZA MENDES, ELEN BIGUELINI E ROBERTA BENTES
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



Catálogo na publicação
Fernanda Emanóela Nogueira – CRB 9ª/1607
Universidade Federal do Paraná - Biblioteca de Ciências Humanas

S471 Seminário de mulheres na história, na literatura e nas artes. (2. : 2019 : Curitiba, PR)
Caderno de resumos - II Seminário mulheres na história, na literatura e nas artes :
entre práticas e representações [recurso eletrônico]. / organizadoras: Ana Luiza Mendes;
Elen Biguelini; Roberta Bentes. – Curitiba : Setor de Ciências Humanas, Universidade
Federal do Paraná, 2020.

Disponível em: <https://mulheresnahlite.wixsite.com/inicial>
ISBN: 978-65-86233-14-8

1. Mulheres - História. 2. Mulheres na Literatura. 3. Mulheres na arte. I. Seminário de
mulheres na história, na literatura e nas artes. (2. : 2019 : Curitiba, PR). II. Mendes, Ana
Luiza. III. Biguelini, Elen. IV. Bentes, Roberta. V. Universidade Federal do Paraná.

CDD – 305.409

**II SEMINÁRIO MULHERES NA HISTÓRIA, NA LITERATURA E NAS
ARTES: entre práticas e representações**

Organizadoras:

Dra. Ana Luiza Mendes

Dra. Elen Biguelini

Ma. Roberta Bentes

Reitor

Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-reitora

Prof^a. Dr^a. Graciela Bolzón de Muniz

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História

Prof^a. Dr^a. Renata Senna Garraffoni

Coordenadora do II Seminário Mulheres na História, na Literatura e nas Artes

Prof^a. Dr^a. Marcella Lopes Guimarães

**Vice-Coordenadora do II Seminário Mulheres na História, na Literatura e nas
Artes**

Prof^a. Dr^a. Fátima Regina Fernandes

APOIO

UFPR

UNESPAR

REALIZAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em História da UFPR

NÚCLEO DE ESTUDOS MEDITERRÂNICOS – NEMED

ANO DO EVENTO

2019

II seminário Mulheres na história, na literatura e nas artes: entre práticas e representações

1ª. Edição

Editores: Ana Luiza Mendes, Elen Biguelini, Roberta Bentes

Diagramação, Capa e Projeto Gráfico: Roberta Bentes

Elementos Gráficos: *Canva*

CONSELHO EDITORIAL

Dra. Ana Luiza Mendes (NEMED/UFPR)

Dra. Elen Biguelini (CHSC/Universidade de Coimbra)

Ma. Roberta Bentes (NEMED/UFPR e NAVIS/UNESPAR)

SUMÁRIO

1. <i>‘Entre lençóis macios’: deveres da esposa e socialização feminina na literatura de Chimamanda Adichie. Nathiely Feitosa Farias</i>	5
2. <i>‘Estas cousas são quasi sempre vergonhosas para ambos os lados’: experiências femininas no epistolário de Augusta Franzini (1806-?) e nas memórias de Josefina de Neuville (1826-1889). Doutora Elen Biguelini</i>	6
3. <i>“Meu corpo, o tubo de ensaio”: memória, corpo e emoções nos egodocumentos de Sylvia Plath. Mestra Letícia Portella Milan</i>	7
4. <i>A arte de passear: Marie Laurencin, a pintura das festas galantes e o colapso da ideia de civilização. Mariana Gazioli Leme</i>	8
5. <i>A dessacralização da tradição nas obras Menina morta de Cornélio Penna e Lavoura Arcaica de Raduan Nassar. Mestra Gabriela Szabo</i>	9
6. <i>A história, o feminismo e a política no ensaísmo de Virginia Woolf. Mestra Julia Helena Dias</i>	10
7. <i>A marca do feminino no Papel de Parede Amarelo. Carla Ramos</i>	11
8. <i>A morte da autora em Veronica Stigger. Mestra Clarissa Loyola Comin</i>	12
9. <i>A Mulher Selvagem em A Bela Adormecida: análise comparativa de duas versões do conto sob a perspectiva de Clarissa Pinkola Estés. Ana Carolina Bonini e Melissa Assis Teixeira</i>	13
10. <i>A narrativa feminina e construção de memória das nikkeis no Brasil (1980-1991). Luana Martina Magalhães Ueno</i>	15
11. <i>A pintura de Aurora Cursino dos Santos, prostituta interna do Juqueri, década de 1950. Doutora Silvana Jeha</i>	16
12. <i>A presença da disciplina de Trabalhos Manuais e Higiene na educação feminina entre 1960 e 1970. Mestre Henllyger Estevam David Costa</i>	17
13. <i>A representação da mulher: uma análise intermediática de A casa das sete mulheres. Vanessa Fuckner</i>	18
14. <i>A violência e a objetificação feminina em "A cabeleireira" de Inês Pedrosa. Ana Clara Rodrigues Carvalho</i>	20

15. <i>Ana Cristina Cesar em debate: estudos sobre a poesia brasileira. Mestre Felipe Fernandes Ribeiro</i>	21
16. <i>Aphra Behn e a escrita de autoria feminina na Inglaterra do século XVII. Crislaine Aline Campana</i>	22
17. <i>As diversas cores dos olhos: as memórias das mães em Maryse Condé e Conceição Evaristo. Jessica Andrade de Lara</i>	23
18. <i>As imagens no cinema de Maya Deren: entre surrealismo e formalismo poético. Fernanda Ianoski Ferro.....</i>	24
19. <i>As Rainhas Visigodas, e o Papel da Mulher na Corte Toledana dos Séculos VI e VII. Mestra Cynthia Valente</i>	25
20. <i>Diásporas e reminiscências da “verdade”? De Nzinga Mbandi a Sojourner Truth. Mestra Vanessa Santos do Canto</i>	26
21. <i>Efeito Ana C. - A influência de Ana Cristina Cesar na produção poética de mulheres na contemporaneidade. Julia De Cunto Moreira</i>	27
22. <i>Entre repressões e resistências: um estudo comparativo entre as atuações da Rainha Urraca I e da Rainha Berenguela (séc. XII E XIII). Luísa Vilas Boas dos Santos e Thaís Monique Costa Moura</i>	28
23. <i>Formas de dizer poesia: o corpo da mulher em Luiza Neto Jorge. Mestra Carolina Alves Ferreira de Abreu.....</i>	29
24. <i>Fronteiras percorridas pela escritora-viajante Soledad Acosta de Samper (1892). Thaís Carneiro.....</i>	30
25. <i>Leonor d’Aquitânia: a loba sedenta por poder e conhecimento. Mestra Roberta Bentes</i>	31
26. <i>Maura Lopes Cançado e sua obra: Reflexões sobre Loucura, Gênero e Autobiografia na Construção de Subjetividade e do Passado (1959-1968). Ana Paula Branco de Melo.....</i>	32
27. <i>Mulher, memória, matéria. Professora Doutora Martha H. L. Becker Morales.....</i>	33
28. <i>Mulheres em banho-maria: a questão de gênero na História da Alimentação. Mariana Gomes Martins</i>	34

29.	<i>No lodaçal dos vícios: mulheres meretrizes e o discurso jornalístico do Correio do Paraná (1932-1937).</i> Wellington do Rosário de Oliveira.....	35
30.	<i>O enfrentamento político feminino em dois poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen.</i> Doutora Cristian Pagoto.....	36
31.	<i>O espaço privado como espaço político – uma análise interseccional da relação dos pais da protagonista no romance “No jardim do ogro” de Leïla Slimani.</i> Karine Souza.....	38
32.	<i>O imaginário da Bruxa relacionada ao Diabo em ‘As Bruxas de Salém’ de Arthur Miller.</i> Larissa Belem.....	39
33.	<i>Olhares à mercê do tempo: o embate historiográfico entre Catharine Macaulay e David Hume.</i> Danielly Campos Dias.....	40
34.	<i>Os autorretratos de Leonor Lea Botteri entre as décadas de 1950 e 1960 à luz de interpretações críticas existencialistas.</i> Aline Luize Biernastki.....	41
35.	<i>Os gêneros discursivos em Lasso di Cuore.</i> Mestra Fernanda C. S. O. Dante .	42
36.	<i>Paixões: G.H. e Teresa em primeira pessoa.</i> Valentina Dalfovo.....	43
37.	<i>Pode o punk orar? Pussy Riot e a antiteologia punk como estética de protesto</i> Isabela Simões Bueno	44
38.	<i>Quando as rainhas enfrentam o rei: o conflito de D. Teresa, D. Sancha e D. Mafalda contra Afonso II de Portugal.</i> Doutor Carlos Eduardo Zlatic.....	45
39.	<i>Quem são as Leoas em A Confissão da Leoa de Mia Couto?</i> Luise Juliana Spanhol	46
40.	<i>Representações sociais de gênero e escrita de si em Gertrude Stein.</i> Carolina Fernanda Antunes dos Santos	47
41.	<i>Uma leitura possível de Úrsula (1859), de Maria Firmina dos Reis: disjunção formal no romantismo brasileiro.</i> Mestra Tássia Valente Viana Arouche	48
42.	<i>Uma tradução-monstra: a re-visão como proposta de tradução da poesia de Elise Cowen.</i> Mestra Emanuela Carla Siqueira.....	49
43.	<i>Vilãs, vítimas e heroínas: uma leitura comparada das personagens femininas em Jane Eyre, de Charlotte Brontë e em Wide Sargasso Sea, de Jena Rhys.</i> Larissa de Oliveira Theodoro.....	50

44. <i>Writing in cuban: vida e obra de Cristina García. Mestra Jordana Cristina Blos</i> <i>Veiga Xavier.....</i>	51
--	-----------

1. *‘Entre lençóis macios’: deveres da esposa e socialização feminina na literatura de Chimamanda Adichie*

Nathiely Feitosa Farias

A socialização feminina, responsável por aquilo que gera e produz a mulher, se dá a partir de dois pressupostos: a construção do gênero e a performance da feminilidade. São eles e, portanto, a socialização feminina, que pretendem encerrar a mulher em uma situação, como denomina Simone de Beauvoir, que exige dela comportamentos específicos com finalidades que lhes são alheias. Desta forma, a análise dos contos *Imitação* e *Os Casamenteiros*, contidos no livro *A coisa à volta do teu pescoço*, da nigeriana Chimamanda Adichie, dar-se-á no sentido de buscar quais elementos, gerados e produzidos, são atribuídos à mulher e, neste caso, à mulher que exerce o papel de esposa. A revisão bibliográfica examinará os deveres conjugais e, em especial, a oferta do sexo como um dever da esposa, a fim de concluir que este dever se dá não só em função do cumprimento de um encargo, mas também pelo direito de acesso ao corpo feminino concedido ao homem pela intimidade e comodidade do matrimônio.

Palavras Chave: gênero; feminilidade; literatura; socialização feminina; feminismo

**2. *‘Estas cousas são quasi sempre vergonhosas para ambos os lados’:
experiências femininas no epistolário de Augusta Franzini (1806-?) e nas
memórias de Josefina de Neuville (1826-1889).***

Doutora Elen Biguelini

O cotidiano da vida feminina durante o século XIX, colocava às mulheres em posição de subalternidade perante seus maridos e familiares. Assim, quando encontravam-se em uma situação ruim, causada por uma destas figuras, as mulheres não tinham formas de defesa. Quando D. Augusta Franzini descobriu que seu marido já havia se casado com outra mulher em data anterior, sua união se torna nula. Mas D. Augusta tem em seu pai um defensor. Através de seu epistolário á seu pai podemos compreender a forma como sua situação foi compreendida e resolvida pela sociedade portuguesa oitocentista. Já a brasileira Josefina de Neuville decide se separar de seu marido, com quem casou por obrigação e não por sentimento, e deixa-o continuar sua viagem pela Europa, retornando com sua filha ainda de colo para Portugal, o país de seu coração. Pretende-se, através do epistolário de D. Augusta e das memórias de Neuville, bem como da história das mulheres e de gênero e da crítica literária feminista (em especial do conceito de anxiety of authorship de Gubar e Gilbert), compreender a forma como as mulheres separadas (e logo, transgressoras) eram aceitas pela sociedade portuguesa

Palavras-chave: história das mulheres, mulheres que escrevem, século XIX

**3. “Meu corpo, o tubo de ensaio”: memória, corpo e emoções nos
egodocumentos de Sylvia Plath**

Mestra Letícia Portella Milan

Sylvia Plath (1932 – 1963) foi uma poeta norte-americana que teve seu reconhecimento literário após seu suicídio. Em decorrência disso, a produção acadêmica sobre a autora foi fundamentalmente guiada pela busca por indícios psicológicos em sua obra que apontassem para a decisão de encerrar a própria vida. Este evento foi entendido como um desvio psiquiátrico que não somente desembocou em sua morte, mas também estabeleceu a genialidade de sua literatura – fruto, então, de uma mente “patologicamente depressiva”. Além de sua poética, o material pessoal da poeta também serviu como indício para tais questionamentos, sendo o caso, por exemplo, de suas distintas “narrativa de si”, como cartas e diários. Nesse sentido, a presente comunicação se dedica a historicizar a memória, o corpo e narrativas emocionais na escrita de si da poeta. A partir dos postulados da História das Emoções e História das Mulheres, pretendo analisar como as memórias de Sylvia Plath, uma mulher norte-americana no período Pós-Guerra, externalizam sua relação com seu corpo, e como a poeta pensa a maternidade – considerada por ela uma “Grande Experiência”, e a inadequação de seu corpo, diagnosticado como infértil, significava uma “imensa e devastadora morte”

Palavras-chave: Egodocumentos, Emoções, Sylvia Plath

4. *A arte de passear: Marie Laurencin, a pintura das festas galantes e o colapso da ideia de civilização*

Mariana Gazioli Leme

A proposta desta comunicação é a de apresentar uma leitura da obra da artista francesa Marie Laurencin (1883-1956), que produziu cerca de duas mil pinturas, 300 gravuras, além de cenários e figurinos para teatro e balé. Distanciando-me dos lugares-comuns que informaram a recepção crítica da obra da artista a partir de uma leitura excessivamente ligada à sua biografia ou a uma vaga e imprecisa “condição feminina”, minha hipótese é a de que Laurencin teria mobilizado a iconografia rococó — expressão cultural da autoproclamada civilização francesa — numa época em que a ideia de civilização entrava em colapso, com os episódios traumáticos do século XX, como o desmantelamento das colônias francesas e as duas guerras mundiais. “Fêtes galantes” é o título de uma pintura de Laurencin datada de 1927. Nesta comunicação, gostaria de argumentar que esse tipo de iconografia pode ser interpretado como a representação da branquitude e da “civilização”, isto é, a construção da autoimagem dos franceses brancos do século XVIII, por contraste a tudo o que passou a ser identificado com as populações negras: barbárie, selvageria, vícios, criminalidade etc. Na primeira metade do século XX, já havia na França uma presença pública do debate sobre racismo e ideais de civilização, como atestam as publicações de Aimé Césaire, “Cahier d’ un retour au pays natal”, Jean-Paul Sartre, “Orphee noir”, Mayotte Capécia, “Je suis une Martiniquaise” e de Frantz Fanon “Peau noire, masques blancs”, publicados entre 1939 e 1952. Assim, pode-se dizer que os debates antirracistas nos permitem compreender de maneira mais complexa — e para além dos estereótipos de gênero — a sofisticada pintura de Marie Laurencin que, aliás, se apresentava como descendente de créoles da Martinica — um dos mais longevos territórios coloniais franceses.

Palavras-chave: história da arte, colonialismo, Marie Laurencin, pintura francesa

5. *A dessacralização da tradição nas obras Menina morta de Cornélio Penna e Lavoura Arcaica de Raduan Nassar.*

Mestra Gabriela Szabo

Nesse trabalho pretendemos analisar duas personagens da literatura brasileira, Ana de Lavoura Arcaica (1975) escrito por Raduan Nassar e Carlota de Menina Morta (1954) de Cornélio Penna. Duas figuras femininas que ao receberem influências do meio urbano - Carlota estudou na cidade, Ana recebeu influências de seu irmão André, o qual leva à fazenda ideias e objetos citadinos – ousaram enfrentar a estrutura de valores patriarcais. Nessas fazendas, nas quais a figura do pai é a representação máxima do poder e onde as mulheres são subjugadas e cumprem religiosamente seus deveres, nascem essas mulheres que ousam dessacralizar a tradição, mas que encontraram como resposta a morte. Nesse artigo temos como objetivo não apenas analisar a construção dessas personagens ficcionalmente, mas também investigar o embate ideológico que elas engendram: o campo e a cidade, a tradição e o pós-moderno. Cornélio Penna é elogiado pelos críticos pela minúcia com que explora a mente feminina. A casa-grande é predominantemente um universo feminino e o autor representa com detalhes e complexidade a hierarquia de poder que há entre as mulheres que nela habitam.

Palavras-chave: Mulher, tradição, resistência

6. *A história, o feminismo e a política no ensaísmo de Virginia Woolf*

Mestra Julia Helena Dias

Neste trabalho, faço uma análise do que chamo de “ensaísmo feminista” de Virginia Woolf. Assim, busco interpretar os ensaios em que a autora explora as condições históricas de submissão das mulheres na sociedade, principalmente na sociedade inglesa. Retomo a discussão da crítica literária e da crítica feminista sobre seus ensaios, mas também procuro ver o discurso de Virginia Woolf através do conceito de “historiadora amadora” formulado por Bonnie Smith. As historiadoras amadoras seriam as mulheres que escreveram história de fora da historiografia profissional do século 19 até meados do século 20. Nesse ensaio de 1938, Woolf associa a questão da submissão das mulheres com a ascensão fascista e propõe uma ligação entre o patriarcado, o nacionalismo e o fascismo. Assim, a partir do uso do gênero como uma categoria histórica, como teorizado por Joan Scott retomo os argumentos e comparações de Woolf para defender a razoabilidade de seus apontamentos. Por fim, entendo que seu “ensaísmo feminista” é um documento relevante para uma historiografia que leve em conta a história das mulheres.

Palavras-chave: Virginia Woolf; ensaísmo feminista; gênero; fascismo; historiografia; história das mulheres.

7. A marca do feminino no *Papel de Parede Amarelo*

Carla Ramos

“O papel de parede amarelo”, conto de Charlotte Perkins Gilman, foi publicado em 1892. No Zeitgeist do século XIX, surge como um texto que se expressa por meio de alguns arquétipos femininos, arquétipos estes que atualmente estão em resgate pelo movimento feminista e são nomeados na obra de Carl Gustav Jung. No enredo do conto, observa-se uma identificação com a subjetividade feminina no que diz respeito à melancolia em mulheres oprimidas que perdem a compreensão de si mesmas e das doenças que as acometem. No presente trabalho, utilizo a crítica literária psicanalítica, ao conectar os arquétipos, os conceitos de ego e sombra em Jung, com os conceitos de transferência, contratransferência e projeção em Freud. Busco, ainda, lançar mão do arcabouço teórico de Judith Butler, mais especificamente em Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade, a fim de compreender o dilema da personagem feminina no conto analisado.

Palavras-chave: arquétipos femininos; crítica literária psicanalítica, movimento feminista contemporâneo, Judith Butler, Charlotte Perkins Gilman, O papel de parede amarelo

8. *A morte da autora em Veronica Stigger.*

Mestra Clarissa Loyola Comin

Esta comunicação tem por objetivo pensar a atualização do mote barthesiano - "a morte do autor" - sob a luz de alguns textos de Veronica Stigger. Nossa hipótese é a de que a escritora encena o paradoxo desta morte em seu projeto estético, algo visível em contos cujo mote é a própria morte de Stigger. Neste sentido, serão discutidos "200m²" e "O livro", contando com o aporte teórico de teorias da enunciação de Emile Benveniste, Roland Barthes, Jacques Derrida e Barbara Smith.

Palavras-chave: Veronica Stigger; enunciação; literatura contemporânea; morte da autoria

9. *A Mulher Selvagem em A Bela Adormecida: análise comparativa de duas versões do conto sob a perspectiva de Clarissa Pinkola Estés.*

Ana Carolina Bonini e Melissa Assis Teixeira

Os contos de fadas podem ser entendidos como um conjunto de imagens e ideias que refletem pensamentos universais, fazendo referência à arquétipos da psique humana de forma simbólica e subjetiva a fim de aconselhar e advertir as futuras gerações. Tal como Mendes (1999) aponta, as narrativas fantásticas carregam uma grande carga cultural, no sentido mais amplo do termo, com relações arquetípicas, míticas e ideológicas. Seus principais conceitos se integram ao inconsciente coletivo e persistem por anos na construção da moral e dos ideais da civilização. Nesse sentido, é compreensível a existência de uma brutalidade crua em grande parte dos contos mais antigos, esses que chamam a atenção para as piores características humanas a fim de instruir ou censurar comportamentos. O conto Sol, Lua e Talia (1634) - entendido como a inspiração original de A Bela Adormecida (1959) - traz uma narrativa pontuada por temas como estupro, traição e vingança, temas esses que foram amenizados ou mesmo suprimidos na versão mais conhecida da história difundida pelo filme de Walt Disney. Nesse exemplo específico, a análise da representação feminina é essencial para o entendimento da suposta suavização dos contos de fadas na contemporaneidade, questão fortemente pautada pelo que a psicóloga Clarissa Pinkola Estés define como expurgo do “escatológico, sexual, perverso, pré-cristão, feminino, iniciático” (ESTÉS, 2018, p. 31). Para a autora, os contos são meios para se entrar em contato com a psique feminina e compreender a alma da mulher, a fim de se chegar ao arquétipo ancestral da Mulher Selvagem. Bruni (2016) também argumenta que as histórias são atemporais e capazes de carregar a dimensão humana, podendo explicar alguns dos dilemas que estão presentes nas vidas dos leitores. São uma importante ferramenta simbólica no processo psicoterápico analítico, proporcionando instintivamente uma direção simbólica. Em vista dos conceitos apresentados, o objetivo do trabalho é o de comparar a representação da figura feminina no conto original e a adaptação animada produzida pelos estúdios Disney, identificando a supressão de temas polêmicos e os símbolos adotados em cada uma das versões, a fim de buscar as evidências do arquétipo proposto por Estés. Para tanto, é necessário primeiramente resgatar algumas das simbologias presentes nos contos mais primitivos e a posterior adaptação para o consumo de uma sociedade que passa pela mudança de paradigmas morais e religiosos. Depois, é importante elucidar essa transformação a partir do exemplo de Sol, Lua e Talia, de Giambattista Basile, e A Bela Adormecida, baseando-se no estudo das personagens femininas das narrativas. Por fim, deve-se esclarecer o conceito de arquétipo à luz da Psicologia Jungiana para se entender a perspectiva da Mulher Selvagem. Para Jung (2000), o inconsciente coletivo é constituído por instintos e imagens primordiais da existência do homem e seus papéis no mundo, que são os arquétipos. E para Estés, o arquétipo da Mulher Selvagem representa essencialmente a natureza instintiva feminina, aquela que muitas vezes é sufocada pelo papel social de submissão imposto ao gênero. Em suma, é perceptível a questão da suavização da violência nos contos de fadas atuais e uma polarização entre “bem e mal” que costuma

ser ambígua na realidade, fazendo com que as personagens – especialmente as femininas - sejam fortemente estereotipadas, passivas e percam parte de sua intuição natural, característica intrínseca da Mulher Selvagem.

Palavras-chave: Contos de Fadas; Representação feminina; Psicologia Jungiana; Mulher Selvagem; Clarissa Estés;

**10. A narrativa feminina e construção de memória das nikkeis no Brasil
(1980-1991).**

Luana Martina Magalhães Ueno

As histórias sobre a imigração japonesa para o Brasil e o cotidiano tanto desses imigrantes quanto dos descendentes foram trabalhadas a partir da perspectiva masculina. Tratavam sobre as questões de identidade, adaptação, a vida difícil no Brasil e o discurso de vitória. No entanto, essas histórias deixavam de lado as contribuições das mulheres e eram abordadas em um papel secundário, muitas vezes, sendo estereotipadas e relacionadas apenas ao lar. Essas questões começaram a mudar a partir da metade década de 1980, quando ocorreu uma busca pela construção da memória sobre a imigração japonesa e publicou-se alguns livros tanto autobiográficos como romances. Dentro desses, surgiram livros escritos pelas imigrantes japonesas ou por nipo-brasileiras que versavam sobre o cotidiano das mulheres nikkeis no Brasil. Um dos exemplos disso, é o livro "Sonhos Bloqueados" escrito pela autora Laura Honda-Hasegawa, em 1991, em São Paulo. É um livro que discorre sobre a vida de uma nisei no Brasil, tratando-se de uma narrativa feminina. Portanto, o objetivo desse trabalho é analisar a perspectiva feminina e as questões sobre a identidade e memória. Para isso, utilizaremos autores que debatem a memória e a identidade, tais como: Michel Pollak (1989;1992), Pierro Nora (1993), Stuart Hall (2008), Tomaz Tadeu Silva (2014) e Kathryn Woodward (2014). Além de dialogarmos com autoras que discutem sobre a história das mulheres e questão de gênero, como: Michelle Perrot (2007), Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (2013).

Palavras-chave: Memória; Identidade; Imigração japonesa; História das mulheres.

11. A pintura de Aurora Cursino dos Santos, prostituta interna do Juqueri, década de 1950.

Doutora Silvana Jeha

Minha apresentação será em torno da obra artística de Aurora Cursino dos Santos. Interna no Hospital Psiquiátrico do Juqueri, ela pintava no Ateliê local na década de 1950. Os psiquiatras que a conheceram disseram que falava da sua vida enquanto pintava. Muitas das imagens que cria tem a ver com memória, parte delas atravessadas por delírios. Desde retratos de família na cidade natal, São José dos Campos, passando por cenas de prostituição até o ambiente do próprio Juqueri. Outro dado importante da sua obra são as imagens e textos de sexo explícito e uma maternidade muito singular, algo raro produzido por mulheres da década de 1950. Há auto-retratos nua explicitando a vagina, o ânus, os seios. Há cenas de parto e gravidez e muitas menções a filhos que teria tido. O conjunto da obra pode ser lido como uma narrativa de si, uma memória atravessada por delírio, violência e sofrimento. Mas também uma tentativa de sublimação, já que narra, encara este sofrimento. Aurora é talvez a prostituta narradora pioneira no Brasil. Como essas narrativas de si são raras, creio que conhecermos mais sua história e obra será de grande valia para história da prostituição, da arte e da mulher no Brasil.

Palavras-chave: arte, loucura, prostituição, autobiografia

12. A presença da disciplina de Trabalhos Manuais e Higiene na educação feminina entre 1960 e 1970.

Mestre Henllyger Estevam David Costa

Este ensaio buscou compreender como os livros voltados a disciplina de higiene preparam a mulher para o exercício da vida privada, para além da profissional. Os manuais utilizados por tal disciplina colaboravam para que as alunas desempenhassem seu papel de educadoras com êxito tanto na escola como em casa, já que muitas destas assumiriam a educação de seus filhos. Muitos métodos higienistas eram articulados com as atividades educativas como mecanismo para que estas moças soubessem agir no ambiente escolar e mais ainda no doméstico. Os livros analisados neste ensaio traziam conteúdos sobre alimentação, prevenção de doenças, cuidados com a casa, entre outros. Esta pesquisa se consolidou na perspectiva da história cultural tendo como método a análise documental. A partir deste ensaio pudemos compreender como conteúdos ligados à higiene eram valorizados na formação feminina com vistas ao preparo destas mulheres ao exercício maternidade cumprindo assim seu papel social.

Palavras-chave: Educação feminina; História da Educação; Higiene

13. A representação da mulher: uma análise intermediática de *A casa das sete mulheres*.

Vanessa Fuckner

Pensando que a produção televisiva busca inspiração para suas obras nas mais diversas fontes, entre elas a literatura, esta pesquisa de mestrado, tem como objetivo analisar a obra “A casa das sete mulheres” produzida em duas mídias distintas. Para este projeto estão sendo analisadas tanto a obra literária como a minissérie televisiva. A obra literária foi escrita por Letícia Wierzchowski e publicada em 2002, enquanto que a minissérie homônima, foi produzida pela rede Globo de Comunicações, e foi ao ar no ano de 2003. As obras tomam como inspiração um evento histórico ocorrido em meados do século XIX na região sul do país, a Revolta Farroupilha ou Guerra de Farrapos. Esse movimento histórico é bastante conhecido na região sul do país, em especial o nome de dois personagens importantes para a história, o casal Giuseppe e Anita Garibaldi. A obra estudada narra o cotidiano das sete mulheres pertencentes à família de Bento Gonçalves, principal líder do movimento Farroupilha, assim como a relação de Anita com Giuseppe e sua atuação em defesa da revolta. Cada uma das obras traz uma abordagem diferenciada decorrente ao seu meio de produção, assim como cada uma das mulheres representadas possuem características próprias que as distinguem uma das outras dentro de suas posições de mulher. A pesquisa busca analisar essas representações das personagens femininas em cada uma das obras, assim como, analisar as modificações realizadas ao transpor a obra literária para uma mídia audiovisual, sempre buscando analisar e refletir a maneira como a mulher é representada em ambas as obras. Essa pesquisa tem caráter qualitativo, e está sendo realizada por meio da análise comparativa entre os objetos. A análise das obras tem como base as teorias do feminismo, em especial as teorias de Simone de Beauvoir (1949), além das teorias da intermedialidade (CLÜVER, 2006) com objetivo de compreender e refletir sobre as diferenças na forma da representação da mulher nas duas obras, tendo em vista que a representação das personagens femininas e do enredo se diferenciam pelo processo de transposição midiática. Levando em consideração as especificidades de cada mídia, e buscando compreender as adaptações tecnológicas exigidas por determinado meio. Até o momento foi possível chegar a algumas conclusões que estão sendo analisadas com mais profundidade, como é possível imaginar o papel da mulher pertencente a família de um líder como Bento Gonçalves é bem pautado no estereótipo da mulher tradicional que cuida do lar e dos filhos esperando com que a guerra acabe. Porém na obra cada uma das mulheres possui características muito próprias, e na maioria das vezes muito estereotipadas e estigmatizadas, apesar disso há momentos em que é possível perceber a tentativa de algumas personagens em quebrar com essa visão masculina sobre a delicadeza feminina, em contraste a essas mulheres aparece a figura de Anita Garibaldi que rompe com muitos estigmas de sua época para se relacionar com Giuseppe e lutar ao lado dele em movimentos sociais. Há uma diferença entre as representações em cada uma das mídias, assim como a entre o romance histórico e a narrativa sobre o fato real.

Palavras-chave: Feminismo. Intermidialidade; Representação da mulher; A casa das sete mulheres.

14. A violência e a objetificação feminina em "A cabeleireira" de Inês Pedrosa

Ana Clara Rodrigues Carvalho

Este trabalho pretende analisar a violência e a objetificação da mulher no conto “A cabeleireira”, da escritora portuguesa Inês Pedrosa. Para tanto, utilizar-se-á de conceitos como objetificação e dicotomia sujeito/objeto, pertencentes ao universo da Crítica Feminista, e a violência simbólica proposta por Pierre Bourdieu. Tenciona-se também apresentar um panorama geral da produção literária de Inês Pedrosa, ressaltando seus principais temas e algumas de suas considerações acerca do papel e lugar que a mulher ocupa na sociedade. A pesquisa justifica-se pela relevância de se discutir a violência contra a mulher, diante de tantos casos de feminicídio noticiados diariamente, e pela oportunidade de introduzir os trabalhos de Inês Pedrosa para um público leitor ainda alheio a seus textos. Em “A cabeleireira” é narrado, pela própria protagonista, a violência simbólica bem como a objetificação de uma mulher ocorrida desde a infância. Violentada e humilhada por seu marido por anos, ela revida todo um sofrimento acumulado e silenciado ao longo de sua existência por meio de um ato violento: assassina seu marido com 29 tesouradas.

Palavras-chave: Crítica Feminista; Objetificação; Violência Simbólica.

15. Ana Cristina Cesar em debate: estudos sobre a poesia brasileira.

Mestre Felipe Fernandes Ribeiro

Este estudo tem por objetivo apresentar uma leitura possível dos poemas de Ana Cristina Cesar publicados nos anos 1970 e 80, em especial dos livros *Cenas de abril* (1979) e *A teus pés* (1982). Para tanto, percebemos a necessidade de investigar a poesia que está fortemente atrelada às múltiplas faces de Ana enquanto escritora, tradutora, mulher, vândala, punk. Muito longe de trazer respostas definitivas e fechadas acerca do assunto, a ideia é propiciar debates que sejam oportunos aos estudos acadêmicos e aos mais variados leitores.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Ana Cristina Cesar; Contracultura; poesia; mulher.

16. *Aphra Behn e a escrita de autoria feminina na Inglaterra do século XVII.*
Crislaine Aline Campana

Esta apresentação terá como objetivo fazer uma breve exposição sobre a escritora inglesa Aphra Behn (1640-1689), assim como fazer algumas considerações em relação a escrita de autoria feminina na Inglaterra do século XVII. Oriunda de uma família de pequena burguesia, Aphra Behn cresceu durante o período da Guerra Civil Inglesa, chegando à idade adulta quando da restauração da monarquia em 1660. Foi uma das mais bem-sucedidas dramaturgas do período da Restauração. Na prosa possui catorze trabalhos atribuídos que, com exceção de *Oroonoko* (1688), tiveram pouca atenção da crítica. A maior parte desses trabalhos apresenta as mulheres sob fortes dilemas morais como personagens principais. De forma geral, a ficção de Aphra Behn explora temas relacionados à política, ao desejo sexual, às relações de gênero e ao colonialismo. O século XVII, no entanto, não possui apenas uma representante. Os escritos das mulheres no período têm cada vez mais atraído atenção e demonstram como Aphra Behn não foi uma exceção ou uma pioneira, mas fez parte de um movimento mais amplo de inserção e luta das mulheres para criar um espaço de ação e criação na cultura escrita.

Palavras-chave: literatura; gênero; escrita de autoria feminina.

***17. As diversas cores dos olhos: as memórias das mães em Maryse Condé e
Conceição Evaristo.***

Jessica Andrade de Lara

Perguntar-se sobre a cor dos olhos da mãe ou tentar imaginá-la em outra vida, longe da morte trazida pelo parto ou do casamento como tumba. Busca-se, neste trabalho, fazer uma análise comparativa das obras *Traversée de la Mangrove* da escritora caribenha Maryse Condé e de *Olhos d'Água* de Conceição Evaristo em seu papel de retratar, por meio do relato das filhas, as memórias (reais ou inventadas) das mães, em suas diferentes relações com a maternidade, considerando a literatura como ferramenta contra o memoricídio.

Palavras-chave: literatura; literatura caribenha; literatura brasileira; memoricídio

18. *As imagens no cinema de Maya Deren: entre surrealismo e formalismo poético*

Fernanda Ianoski Ferro

Maya Deren (1917-1961) foi uma cineasta e teórica pioneira para a vanguarda norte americana. Seus filmes experimentais trazem imagens poéticas que discutem a realidade do processo fílmico e fotográfico, trazendo relações com as imagens surrealistas e com um conceito de representação que desestrutura as formas clássicas do cinema narrativo, embora crie suas próprias narrativas dentro de seu conceito de realidade e construção imagética. Partindo da obra cinematográfica de Deren, como os filmes *Meshes of the Afternoon* (1943) e *At Land* (1944) e também de seus escritos teóricos, como o ensaio “Cinema: o uso criativo da realidade”, publicado originalmente em 1960, a pesquisa pretende discutir de que forma as imagens apresentadas por Deren aproximam-se da estética e conceitos surrealistas e em que medida elas se afastam, partindo da premissa da imagem fotográfica e da câmera cinematográfica não como a apreensão do real, mas como construção de uma realidade formal, artística e conceitual.

Palavras-chave: Maya Deren; cinema; surrealismo; formalismo

***19. As Rainhas Visigodas, e o Papel da Mulher na Corte Toledana
dos Séculos VI e VII.***

Mestra Cynthia Valente

As principais fontes para os que estudam o reino visigodo de Toledo, são as atas conciliares. Nelas, aparecem apenas o nome de três rainhas godas: Baddo (589), Liuvigotona (688) e Cixila (694). Goswintha, a rainha goda e ariana, que exerceu grande poder dentro da corte de seu marido, o rei Leovigildo (582), só aparece no relato de Gregório de Tours *Historia Francorum*. Outra fonte do período, a *Historia Gothorum*, de Isidoro de Sevilha, não cita as rainhas pelo nome, apenas como “esposa de”. A proposta desse trabalho é, contribuir para a compreensão do papel dessas mulheres régias dentro da corte toledana, e como elas são relatadas nas fontes, dentro desse mundo preponderantemente masculino.

Palavras-chave: Reino Visigodo de Toledo: Antiguidade Tardia: História das Mulheres

20. *Diásporas e reminiscências da “verdade”? De Nzinga Mbandi a Sojourner Truth.*

Mestra Vanessa Santos do Canto

No ano de 1667, Nzinga Mbande Cakombe, também conhecida por Ngola Nzinga Mbandi foi considerada “serial killer”, no século XVII, em alguns territórios africanos. Nzinga Mbande era o nome de Ana de Sousa antes da conversão ao cristianismo (ALENCASTRO, 2000). Nasceu em Angola no ano de 1583 e faleceu no ano de 1663, no Reino de Matamba. Alguns relatos afirmam que era rainha de Matamba, em outros relatos era considerada “apenas” capitã dos guerreiros “jaga”. Mas, o que é interessante é que foi “reputada” serial killer” após o óbito. No século XVIII, Beatriz Kempf Vita é acusada e condenada por “antonianismo” no Congo. Condenação que “repete” a “similaridade” do conceito de “serial killer” (THORTHON, 1998). Mas, o conceito só se afirma no século XIX, mais ou menos na época do discurso da “Verdade Itinerante”, na cidade de Akron, Ohio, no ano de 1851 (“Women's Rights Convention” em Akron, Ohio, Estados Unidos). Além disso, o conceito de “serial killer” somente começou a ser firmado na doutrina jurídica, notadamente inglesa, no século XIX. Neste mesmo século, no ano de 1851, na cidade de Akron, Ohio, Sojourner Truth, pronuncia seu famoso discurso “Ain’t I a woman”? (Não sou eu uma mulher?) (HARAWAY, 2009a; MABEEE, 1995), no qual discute a “condição jurídica” da mulher escrava, notadamente, de pele escura, ou, ainda, afroamericana. No mesmo ano no qual foi decretada a criação de cemitérios públicos no Brasil, sob o comando da Santa Casa de Misericórdia no Brasil. Desta forma, o trabalho aborda desde a perspectiva da História Social da Cultura, com ênfase no conceito de “acontecimento” (FOUCAULT, 2003) formulado pelo filósofo francês Michel Foucault, o problema acerca do “uso dos corpos” (FOUCAULT, 1995, 2004, 2005, 2007). Em primeiro lugar, discute o conceito de “condição jurídica” para abordar a noção de diáspora relacionada com o problema acerca do trabalho no âmbito da passagem do pacto colonial ao imperialismo. Em seguida, aborda o problema acerca do “uso” do “corpo” na tradição da África Central, notadamente, o enterro de Nzinga Mbande. Em segundo lugar, o conceito de “diáspora” desde a análise do deslocamento do uso do corpo no século XVII ao século XIX, ao analisar alguns aspectos acerca do processo de Kempf Vita, no século XVIII e do discurso de Sojourner Truth, no século XIX. O objetivo é estabelecer uma análise que possibilite interpelar a perspectiva elaborada por Giorgio Agamben, qual seja, a de “homo sacer” (AGAMBEN 2002), para discutir o problema do “uso” do “corpo” (2017, 2017a) no auge e declínio da “cultura escrava”, no âmbito do denominado “pacto colonial”, desde a perspectiva das mulheres negras das quais se tem algum registro na História e que têm influenciado o “feminismo” no que tem sido denominado “Ocidente” (HARAWAY, 2004, 2009, 2009a).

Palavras-chave: Condição jurídica; Diáspora; Corporeidade

21. *Efeito Ana C. - A influência de Ana Cristina Cesar na produção poética de mulheres na contemporaneidade*

Julia De Cunto Moreira

No livro “Explosão Feminista”, Heloisa Buarque de Hollanda afirma que Ana Cristina Cesar influenciou o trabalho importantes poetisas contemporâneas do Brasil. Para a teórica, Cesar “mostrou o sobressalto e o desejo de experimentar uma voz feminina sofisticada, trabalhada, atuada” (HOLLANDA, 2018, p. 105). Partindo dessa sugestão, este trabalho propõe investigar a influência de Ana C. na produção poética de mulheres na contemporaneidade – entre elas, Angélica Freitas, Ana Martins Marques e Alice Sant’Anna - buscando compreender os dispositivos explorados pela poeta marginal na escrita contemporânea como forma de enunciar uma voz feminina na poesia brasileira. Para tal, ele se utiliza das elaborações de Harold Bloom em “A angústia da influência” (1973) e do trabalho de Marjorie Perloff em “O gênio não original: poesia por outros meios no novo século” (2013), a fim de entender as relações que a poesia contemporânea estabelece com a tradição e de que modo trabalha com suas heranças literárias.

Palavras-chave: Ana Cristina Cesar; poesia contemporânea; influência; feminismo

22. *Entre repressões e resistências: um estudo comparativo entre as atuações da Rainha Urraca I e da Rainha Berenguela (séc. XII E XIII)*
Luísa Vilas Boas dos Santos e Thaís Monique Costa Moura

O período medieval está presente no imaginário contemporâneo. Recheado de diversos conceitos e pré-conceitos e é na Idade Média que, grosso modo, se transbordam as mais variadas concepções, inclusive sobre a submissão e subserviência feminina. Ao buscar explorar histórias que irrompem esse estereótipo, esta comunicação apresentará os resultados obtidos durante a pesquisa de Iniciação Científica (PIBICVOL), realizada entre Julho de 2018 a Agosto de 2019 na Universidade Federal de Sergipe. Nessa pesquisa, investigamos comparativamente as ações das monarcas Urraca I (1081-1126) e Berenguela (1180-1246), frente a dominação masculina durante seus governos e regência, além de envolver as estratégias utilizadas por elas em suas atuações políticas. Assim, analisando documentações cronísticas através da ótica da Teoria de Gênero e da metodologia da História Comparada, almejou-se realizar uma comparação entre as realidades distintas das rainhas, percebendo suas similitudes e diferenças, observando como ocorreram repressões e quais os mecanismos de resistências.

Palavras-chave: Idade Média; História Castelhana; Urraca I; Berenguela.

23. *Formas de dizer poesia: o corpo da mulher em Luiza Neto Jorge.*

Mestra Carolina Alves Ferreira de Abreu

No livro *Poesia 1960-1989*, da poetisa portuguesa Luiza Neto Jorge, propus fazer um estudo direcionado à abordagem do corpo da mulher e da representação deste na escrita, no corpo da escrita, melhor dizendo, em consonância com a crítica feminista. Levanto as problemáticas referentes ao conhecimento hegemônico durante a história da humanidade tão relacionado ao homem, como ainda a maneira pela qual as mulheres têm contraposto sua condição na história e também na literatura. Analiso os poemas “Canção para o dia igual” e “Na cabeça tem cabelos”, pertencente ao grupo de poemas “Corpos vestidos”, nos quais discorro acerca da relação entre ambos, referente à condição da mulher e à confluência dos corpos presente na obra de Luiza.

Palavras-chave: Luiza Neto Jorge; Poesia portuguesa; “Canção para o dia igual”, “Na cabeça tem cabelos”, Corpo, Crítica Literária Feminista.

**24. *Fronteiras percorridas pela escritora-viajante Soledad Acosta de Samper*
(1892).**

Thaís Carneiro

Quais fronteiras percorreu a colombiana Soledad Acosta de Samper? A presente pesquisa tem por objetivo investigar não só as fronteiras físicas de sua viagem pela Espanha, de trem, por dois meses e meio em 1892; contudo, as que perpassa enquanto escritora-viajante. Por meio do cotejamento dos relatos de viagem produzidos, em meio às festividades, realizadas em prol do Quarto Centenário da Conquista da América, a convite da coroa Espanhola, em nome do estreitamento das relações com a Colômbia. Ademais, nos interessa a análise de suas apresentações como historiadora e escritora, executadas na referida jornada, em defesa da educação feminina e uma investigação sobre a presença de indígenas e de judeus em Antioquia, diante da chegada dos espanhóis à região da Colômbia. Isto posto, a presente investigação estrutura-se sob o aporte teórico-metodológico oferecido pela História Intelectual e da História das Relações de Gênero, com o intuito de compreender os meandros percorridos por essa escritora em suas inserções nas esferas intelectual e cultural.

Palavras-chave: Escritas de si, relatos de viagem, estudos de gênero, história intelectual, história da América Latina

25. *Leonor d'Aquitânia: a loba sedenta por poder e conhecimento*
Mestra Roberta Bentes

Leonor d'Aquitânia (1122-1204), filha de Guilherme X d'Aquitânia e Aenor de Châtellerauld, se tornou duquesa da Aquitânia (1137-1204), no mesmo ano Rainha Consorte da França (1137-1152) e em seguida Rainha Consorte da Inglaterra (1154-1189). Teve inúmeros momentos marcantes em sua vida, mas os pontos que serão estudados estão ligados pela sua fome por conhecimento e por poder. Leonor é retratada de diversas maneiras - às vezes não muito simpáticas -, e a justificativa está ligada diretamente nessas duas áreas. Temos como objetivo uma investigação literária e artística desta nobre rainha para entender o papel da mulher nobre e estudada - em diversas artes - para formação do corpus cultural ocidental medieval. Do ponto de vista metodológico, será realizada uma análise crítica dos relatos condensados por Georges Duby, pelas imagens presentes no "Saltério de Leonor d'Aquitânia" presente na National Library of Netherlands e demais fontes acessórias.

Palavras-chave: Leonor d'Aquitânia, trovadorismo, mulheres medievais.

26. Maura Lopes Cançado e sua obra: *Reflexões sobre Loucura, Gênero e Autobiografia na Construção de Subjetividade e do Passado (1959-1968)*

Ana Paula Branco de Melo

Entre 1959 e 1960 Maura Lopes Cançado esteve internada no Hospital Psiquiátrico Gustavo Riedel (Engenho de Dentro – RJ). Em 1965 era publicado o livro *Hospício é Deus*, contendo experiências e vivências da autora no período de internação. Em 1968 publicou-se a coletânea de contos *O Sofredor do Ver*, contendo escritos produzidos durante a escrita de seu livro anterior. Ambas as obras traçam suas impressões acerca do hospício, suas relações com os outros personagens desse espaço asilar e acerca de si mesma. Assim, esta comunicação, fruto de reflexões que integram a retomada meu projeto de mestrado, iniciado e interrompido ano passado, explora os modos de produção da subjetividade de Maura em sua escrita, a partir das intersecções com os temas da loucura e do gênero. Ainda, analisa-se nessas narrativas se Maura reproduz o discurso confessional tradicional e se/como ela o subverte, criando alternativas na escrita sobre si e como Maura lê e escreve o passado, reconstituindo-o e recortando-o.

Palavras-chave: Escrita de Mulheres; Subjetividade; Loucura; Autobiografia; Escrita de si

27. *Mulher, memória, matéria*
Professora Doutora Martha H. L. Becker Morales

Ceder objetos ao acervo de um museu de história implica uma série de pressuposições por parte do doador. Pertencimento, um senso de comunidade. Confiança, uma aposta na credibilidade. Eternização, a certeza da continuidade. O caso a ser exposto problematiza memórias de infância de mulheres, na forma de cultura material, doadas ao Museu Paranaense em 2015 e transformadas em objeto de estudo de pós-doutoramento logo em seguida. Sentindo-se incluídas no projeto institucional, as doadoras ofertaram ao museu suas memórias em forma de matéria. Confiaram, portanto, na legitimidade do trabalho desempenhado pela equipe no trato científico (e afetivo) das coisas que remontam ao passado. Logo, o ato da doação não se apresentou como ruptura, pelo contrário: assegurou a continuidade das vidas associadas àqueles objetos. A comunicação visa, enfim, debater o papel da mulher como guardiã de memórias e sua relação com a musealização da cultura material, que compõe e é composta por tais memórias.

Palavras-chave: museu; memória; cultura material;

28. Mulheres em banho-maria: a questão de gênero na História da Alimentação

Mariana Gomes Martins

A comida carrega, além de aspectos nutricionais, conteúdos simbólicos do seu meio, reforçando signos, memórias, tradições, traços étnicos e estruturas sociais. Assim, o que se come e como se come permite - muito além de nutrir um corpo biológico - identificar e analisar questões culturais em níveis mais profundos que podem ser lidos em todas as etapas do alimento, seja na produção rural ou industrial, na seleção, no preparo e na dinâmica de distribuição da comida. Em todas as culturas e em todos os períodos da História, no mundo do trabalho na alimentação, mulheres e homens executam diferentes tarefas definidas hierarquicamente e, assim, reconhecidas e valoradas de formas diferentes, de maneira correlata aos espaços de cada gênero. Nesse sentido o estudo aqui apresentado busca identificar a divisão sexual/social do trabalho no âmbito da alimentação ampliando o entendimento de processos sociais, culturais, econômicos, políticos e antropológicos em relação à mulher no contexto alimentar.

Palavras-chave: comida, gênero, alimentação, antropologia, história

29. *No lodaçal dos vícios: mulheres meretrizes e o discurso jornalístico do Correio do Paraná (1932-1937).*

Wellington do Rosário de Oliveira

O presente artigo analisa a prostituição em Curitiba, na década de 1930, a partir do discurso jornalístico do periódico *Correio do Paraná* que chamava a atenção de seus leitores para as mulheres que faziam seu trottoir nas ruas e bairros da capital do Paraná, trazendo à tona personagens marcantes que foram vítimas do submundo da prostituição. O periódico se dizia um investigador infalível no combate à desordem oriunda da presença de mulheres meretrizes no espaço urbano. O *Correio do Paraná* enfoca diversas facetas da prostituição em Curitiba, tais como o proxenetismo, o significativo aumento de mulheres aliciadas à baixa prostituição, a mercantilização do corpo feminino de adolescentes e menores de idade, os "rendez-vous", a prostituição de luxo e o trottoir em espaços tidos enquanto "civilizados".

Palavras-chave: *Correio do Paraná*; Curitiba; Prostituição.

30. O enfrentamento político feminino em dois poemas de Sophia de Mello

Breyner Andresen.

Doutora Cristian Pagoto

Lendo os poemas da escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, o leitor encontrará facilmente imagens solares, associadas ao mar, à praia, ao jardim e aos deuses. Tais imagens, mais enfáticas a partir da década de 60, guardam uma dimensão política e social, um desdobramento para o humano e para o outro. Esse contato como o real objetivo, já latente no livro *Mar Novo*, de 1958, se intensificará nas publicações posteriores. A aproximação de Sophia com o tempo dividido revelará, então, uma maior conscientização política que se traduz em sua frontalidade. Uma frontalidade que é combate, luta e resistência e que está presente tanto em personagens míticas, como Antígona, como em personagens históricas, como Catarina Eufémia e Maria Natália Teotônio Pereira. Um enfrentamento político que Sophia buscou em seus versos e em suas atividades cívicas, participando ativamente dos movimentos contra a ditadura de António Salazar. No livro *Dual*, publicado em 1972, em sua sexta e última parte, intitulada “Em memória”, o leitor encontra imagens de soldados mortos, de grades, de um pedido de paz, uma “paz sem vencedor e sem vencidos”, de uma luta de classes e da morte. Interessa-me apresentar, nesta comunicação, a representação feminina da luta, da resistência e da morte nos dois últimos poemas: “Catarina Eufémia” e “Maria Natália Teotônio Pereira”, duas mulheres que ousaram, cada uma a seu modo, combater as injustiças sociais e políticas do período da ditadura portuguesa. A primeira personagem foi uma camponesa que morreu no dia 19 de Maio de 1954, lutando juntamente com outras mulheres por melhores salários e condições de trabalho. Há várias versões acerca de sua morte, sendo a mais comumente repetida a de que de foi morta estando grávida, e com um filho no colo, por um tenente da Guarda Nacional Republicana. No poema, Sophia exalta o seu “fazer frente” e a sua “inocência frontal”, aproximando-a à personagem mítica Antígona, em seu modo de combate e de busca pela justiça. A morte trágica da camponesa logo reverberou em todo a imprensa e ela tornou-se um símbolo da luta contra o regime salazarista. A segunda personagem, Maria Natália, foi uma importante figura que juntamente com outros católicos, entre eles a própria Sophia, organizaram uma série de atividades opositivas à política ditatorial. Conhecidos como “católicos progressistas”, envolveram-se em diversas ações, desde a publicação de jornais clandestinos contra o governo salazarista e a guerra colonial, até o auxílio a presos políticos. Agindo quase sempre clandestinamente, nos bastidores da oposição, foi uma importante voz da resistência. No poema dedicado a ela, Sophia refere-se, numa forma elegíaca, à sua morte, ocorrida em 1971, mas exalta a sua imagem que permanece, “Como semente no chão”, a transpor a destruição. Nos dois poemas analisados, o combate frontal ou silencioso emerge como desdobramento da luta mítica de Antígona pela justiça e pela não aceitação da “fatalidade do mal”, pois como Sophia profere em sua *Arte Poética III*: “a poesia do nosso tempo diz: ‘Eu sou aquela que não aprendeu a ceder aos desastres’”. E Catarina e Maria Natália também não aprenderam.

Palavras-chave: Poesia; Política; Mulheres.

**31. O espaço privado como espaço político – uma análise interseccional da
relação dos pais da protagonista no romance “No jardim do ogro” de Leïla
Slimani
Karine Souza**

O trabalho que se pretende apresentar será um recorte da minha pesquisa de mestrado acerca da obra da autora franco-marroquina Leïla Slimani. Neste recorte, pretendo abordar a relação matrimonial de duas personagens secundárias do romance “No jardim do ogro” à luz dos estudos interseccionais, tomando como base a pesquisa sociológica de Sayad Abdelmalek a respeito da imigração argelina em território francês e das teorias anticoloniais de Simone Weil. A intenção é demonstrar como o racismo, a desigualdade entre classes e o machismo se manifestam dentro da esfera privada.

Palavras-chave: crítica feminista, interseccionalidade, pós-colonialismo

**32. O imaginário da Bruxa relacionada ao Diabo em ‘As Bruxas de Salém’ de
Arthur Miller.
Larissa Belem**

O presente trabalho tem como intuito analisar de que forma o imaginário do diabo está ligado à bruxaria no universo criado por Arthur Miller na peça “As bruxas de Salém”, publicado pela primeira vez em 1953. Na tentativa de apresentar de que forma essas duas imagens foram introduzidas no imaginário coletivo ocidental e de que forma estão intrinsicamente ligadas. Como aparato teórico para esta pesquisa, a visão do historiador Robert Muchembled, e das pesquisadoras Maria Cristina Batalha e Maria Helena Sansão Fontes, serão abordadas. O primeiro conta como a imagem do diabo ganhou forma diante da visão do historiador. De maneira que, o caminho para a heresia se deu a partir dos encontros, nomeados sabbats, reuniões realizadas para discussões de assuntos anticlericais. Esses encontros eram realizados geralmente na parte da noite e em locais distantes das cidades “fora de uma de suas portas, buscando para isso a proteção de obscuridade” (MUCHEMBLED, 2001, p. 52). Tal confronto entre essas seitas e a igreja católica trouxe um pensamento o mais preocupado diante de tais atos, considerados heréticos, transferindo essa obsessão nos arquétipos da feiticeira demoníaca. Já as outras duas pesquisadoras, irão descrever como se construiu a imagem da mulher e da bruxa durante o percurso histórico, trazendo uma reflexão de como a imagem do feminino foi escrita na história a partir da visão do homem cristão. Sabemos que “A figura da feiticeira traz consigo uma expressiva carga de sexualidade e suscita julgamentos ambíguos com relação às suas raízes e aos papéis que lhe foram atribuídos ao longo da História. ” (BATALHA, 2011, p. 87). A começar pela Bíblia, que coloca a responsabilidade do pecado e da morte na mulher, Eva, a responsável por fazer Adão comer o fruto proibido. O imaginário ocidental, cria então “toda a coletividade, que interioriza preconceitos, propaga superstições e a persegue. Agente da desordem, a ação da feiticeira a situa em esfera oposta à esfera da santa, da fada ou da Virgem Maria, figuras maternais, tidas como ideais. (BATALHA, 2011, p.88) A narrativa acontece em Salém, Massachusetts, na primavera do ano de 1692, quando a filha de um importante senhor está aparentemente sob efeitos de bruxaria após dançar na floresta com outras meninas da cidade. Diante deste fato, um tribunal inquisidor é montado na cidade para julgar essas mulheres, acusando-as de praticar ou não atos de bruxaria. É sob esse cenário do século XVII que a imagem da mulher começa a ser relacionada aos atos de bruxaria, de maneira que a seguinte peça aborda de forma notória como o imaginário do diabo está inteiramente relacionado a esse universo de feitiçaria, onde essa prática dos inquisidores e juízes leigos diante dos tribunais ficou estritamente relacionada ao fato de “estarem participando da luta primordial entre o Bem contra o Mal” (MUCHEMBLED, 2001, p. 50).

Palavras-chave: Arthur Miller; Bruxaria; Diabo; Inquisição

33. Olhares à mercê do tempo: o embate historiográfico entre Catharine

Macaulay e David Hume.

Danielly Campos Dias

Durante o século XVIII britânico, com a ampliação do público leitor de história e o surgimento da esfera pública burguesa, constrói-se um novo espaço de discussão sobre temas vistos como universais e pautados em um princípio de igualdade intelectual característico da modernidade. Nesse contexto, surge aquela que é considerada por muitos como a primeira historiadora britânica, Catharine Macaulay, que publica sua vasta História da Inglaterra em oito volumes entre os anos de 1763 e 1783. Nessa história, Macaulay, posiciona-se em debates políticos situados para além da história educacional, fértil campo para as mulheres no período. De forma geral, o livro de Macaulay vem sendo interpretado como uma resposta republicana à História da Inglaterra monarquista do famoso filósofo David Hume, lançada em seis volumes entre 1754 e 1762. Buscar-se nesta comunicação situar as aproximações e dissonâncias entre Hume e Macaulay, indo além dos fatores políticos salientados pela literatura sobre o tema, tendo em vista o contexto de mudança estrutural na educação das mulheres e as transformações sofridas pela historiografia, ancoradas em uma nova forma de compreensão da realidade inaugurada na modernidade.

Palavras-chave: Catharine Macaulay, David Hume, modernidade

34. Os autorretratos de Leonor Lea Botteri entre as décadas de 1950 e 1960 à luz de interpretações críticas existencialistas

Aline Luize Biernastki

Os autorretratos da pintora Leonor Lea Botteri (1916-1998), radicada em Curitiba, são acompanhados de comentários críticos apoiados em interpretações filosóficas. Inaugurada por Guido Viaro em 1959, esta crítica foi solidificada em explicações metafísicas que pressupõe as figuras pintadas por Botteri como representantes de um estado melancólico, consequência da autorreflexão da artista. Supondo uma correlação dos textos críticos com as ideias do existencialismo articuladas por Jean-Paul Sartre, esta Comunicação é resultado de um estudo que busca compreender em que medida os termos de uso comum a esta filosofia poderiam servir de ferramenta para leitura das telas de Botteri. Em seguida, é questionado se tais interpretações poderiam ser um meio de oferecer historicidade à artista e aos seus autorretratos. Os conceitos de consciência, objeto, nada, angústia, e liberdade articulados pelo filósofo e crítico de arte Arthur C. Danto no seu livro *As Idéias de Sartre* (1975), junto às análises de obras selecionadas e duas entrevistas com ex-alunos de Botteri, realizadas durante a pesquisa, fundamentaram a produção da presente Comunicação.

Palavras-chave: Leonor Lea Botteri; autorretrato; pintura; crítica de arte; existencialismo

35. Os gêneros discursivos em *Lasso di Cuore* **Mestra Fernanda C. S. O. Dante**

O objeto deste estudo é a obra ficcional *Lasso di cuore*, de autoria de Brunilda Reichmann, publicado em 2018. Os personagens principais são uma professora e um professor de ensino superior de duas renomadas universidades brasileiras, que se rendem a uma paixão e vivem um curto, mas intenso romance, embora ambos estejam envolvidos em outros relacionamentos. A autora nomeou a obra como “novela msg”, pois a narrativa desenvolve-se por meio de conversas em aplicativos de mensagens de texto e voz, e-mails, telefonemas, e também de silêncios, que cabem ao leitor imaginar ou interpretar. O texto de Brunilda Reichmann retrata ficcionalmente as interações sociais típicas da contemporaneidade, cujos relacionamentos de amor e amizade são estabelecidos por meio de ferramentas eletrônicas de comunicação espontânea. O objetivo deste trabalho é identificar as características estéticas de *Lasso di Cuore* e relacioná-las com os estudos do teórico russo Mikhail Bakhtin sobre gêneros discursivos, baseados no princípio do dialogismo das interações sociais, com o emprego da linguagem apropriada para cada modo de atuação da vida humana.

Palavras-chave: Gêneros discursivos. Novela msg. Autoras paranaenses.

36. *Paixões: G.H. e Teresa em primeira pessoa*

Valentina Dalfovo

A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector, publicado em 1964, é o primeiro romance da autora escrito em primeira pessoa. Técnica narrativa essa que, juntamente com o conteúdo experiencial evocado, dá o tom necessário para pensar a narrativa como uma jornada de conhecimento antropológico e místico. Discussões acerca do misticismo na obra de Lispector já foram desenvolvidas por críticos que apontam diversas conexões entre a obra e as místicas orientais e ocidentais, incluindo os escritos de Teresa d'Ávila. No entanto, a aproximação entre as duas autoras parece ser mais elucidativo para pensar *A Paixão segundo G.H.* se cotejado especificamente com a obra *Livro da vida*, da autora espanhola. Afinal, é também uma narrativa de experiências em primeira pessoa que, a partir dessa instância narrativa, apresenta aproximações com o romance de Lispector por diferentes frentes: partindo da autoria feminina e da recepção questionada por críticos e censores, passando por questões como a falibilidade da expressão, o misticismo experiencial, e os paradoxos e chegando a iluminar questões como a criticidade social ou o alheamento nas narrativas. Para tanto, procura-se principalmente contrastar as obras nos pontos acima citados, tendo em vista a ampla crítica clariceana (principalmente NUNES, 1989 e LIMA, 1966) e a escassa fortuna acerca do teor literário dos escritos de Teresa (PIDAL, 1947)

Palavras-chave: instância narrativa; narrativa intimista; experiência; autoria feminina.

37. *Pode o punk orar? Pussy Riot e a antiteologia punk como estética de protesto*

Isabela Simões Bueno

"Virgem Maria, Mãe de Deus, leve Putin embora!". Com essas palavras, o grupo de punk rock feminista Pussy Riot iniciou sua emblemática performance na Catedral de Cristo Salvador de Moscou, símbolo do renascimento cristão ortodoxo na Rússia, em 2012. A performance, com duração aproximada de apenas 40 segundos, resultou na prisão de três integrantes do grupo e desencadeou acusações, tanto jurídicas quanto midiáticas, de "blasfêmia", "sacrilégio" e "intolerância religiosa". A presente comunicação tem como objetivo analisar a "Oração Punk" de Pussy Riot, englobando tanto seu texto como sua ação performática, como forma de protesto e denúncia contra uma "estética ortodoxa de poder" (SAMUTSEVICH, 2013) adotada como modo de fazer política pelo presidente russo Vladimir Putin. Apesar das acusações, o ato, em meio a um contexto de indissociável aliança entre Igreja Ortodoxa e Estado russo, apresenta-se como uma potente performance artística, antiteológica, capaz de questionar as ordens do status quo religioso e patriarcal através do paradoxo entre a conservação da forma textual da oração e seu conteúdo notoriamente subversivo e dissidente.

Palavras-chave: Política; Performance, Desobediência civil; Patriarcado; Feminismo

38. Quando as rainhas enfrentam o rei: o conflito de D. Teresa, D. Sancha e D. Mafalda contra Afonso II de Portugal
Doutor Carlos Eduardo Zlatic

As primeiras décadas do século XIII foram marcadas por um intenso conflito no reino de Portugal entre o rei Afonso II e suas irmãs, as rainhas D. Teresa, D. Sancha e D. Mafalda. A causa inicial dos atritos começou, inicialmente, pela negativa dessas nobres senhoras em aceitar a autoridade régia portuguesa em seus domínios, recebidos como herança de seu pai, Sancho I, questão que se transformou em guerra aberta a partir do momento em que as herdeiras receberam apoio militar do governante leonês, Alfonso IX, e de nobres portugueses atuando a partir de Leão. A disputa e a guerra entre os irmãos revelam linhas de força mais profundas do horizonte sociopolítico da Península Ibérica, marcadamente a respeito de duas problemáticas. A primeira delas, o exercício político por parte de mulheres que ocuparam os mais altos estratos do poder, como comprovam os reinados de D. Teresa, em Portugal, e de D. Urraca, em Leão, fator que pode contribuir para compreender a atuação daquelas irmãs, principalmente a de D. Teresa. A segunda, o processo de afirmação da sucessão dinástica pautada na primogenitura masculina e os embates que essa orientação sucessória criou no seio da linhagem real. Partindo desse panorama, pretende-se analisar os aspectos sociais, políticos e culturais do contexto medieval ibérico e suas possíveis confluências explicativas para o conflito entre os membros da prole régia

Palavras-chave: História Medieval portuguesa, História das Mulheres, linhagem régia, Afonso II, D. Teresa

39. *Quem são as Leas em A Confissão da Leoa de Mia Couto?*

Luise Juliana Spanhol

O livro *A Confissão da Leoa* conta a história de personagens que moram em uma aldeia moçambicana chamada Kulumani. Esta aldeia sofre ataques de leões e muitos moradores perdem suas vidas nas garras das feras. Um fato que chama a atenção é que todas as vítimas são mulheres. A história narrada em primeira pessoa, intercalada entre Mariamar e o caçador Arcanjo Baleiro, sugere ares de confissão. A figura dos leões lê-se como uma metáfora para as opressões patriarcais suportadas pelas mulheres na aldeia. Acompanhamos os movimentos desta história contada por Mia Couto com sua escrita socialmente engajada e permeada de poética. Este trabalho, portanto, traça a relação de algumas personagens do romance, Mariamar, Hanifa e Silência, com estas imagens de opressão. Por meio de uma pesquisa exploratória com levantamento bibliográfico, foi utilizado como aparato a teoria feminista e pós-colonialista de pensadores como Angela Davis, Giorgio Agamben, Judith Butler, Michel Foucault, Simone de Beauvoir e Stuart Hall, e também, os estudos feitos pelos professores Lúcia Osana Zolin e Thomas Bonnici, para construir a moldura do retrato desta história que também conversa com a realidade de milhares de mulheres no mundo todo.

Palavras-chave: Feminismo; Crítica pós-colonialista, Mia Couto; Representação da mulher; mulher negra;

40. Representações sociais de gênero e escrita de si em Gertrude Stein.

Carolina Fernanda Antunes dos Santos

Gertrude Stein foi uma importante escritora modernista americana, que viveu em Paris no início do século XX. Aos cinquenta e sete anos publicou seu primeiro best-seller, intitulado *A Autobiografia de Alice B. Toklas*, publicado em 1933. O sucesso do livro fez com que a autora publicasse cinco anos mais tarde, uma segunda autobiografia, intitulada *Autobiografia de Todo Mundo*. Concebendo o gênero como categoria de análise e vinculando essa percepção às contribuições da crítica literária feminista, entendemos que o gênero de autoria das obras literárias influencia na produção de representações de mundo, em determinado contexto. Neste trabalho, analisamos as representações sociais de gênero presentes nas duas obras, relacionando essas representações com o meio social da autora na sociedade parisiense da belle époque. Além disso, considerando as particularidades das fontes autobiográficas, compreendemos de que forma a autora utilizou esse gênero literário para construir narrativas sobre o passado, dando sentido ao presente em que viveu.

Palavras-chave: autoria feminina, Gertrude Stein, estudos de gênero

41. Uma leitura possível de Úrsula (1859), de Maria Firmina dos Reis: disjunção formal no romantismo brasileiro

Mestra Tássia Valente Viana Arouche

Apesar de algumas interpretações pretenderem falar do Brasil enquanto uma nação coesa, a sociedade brasileira é historicamente marcada por seu caráter disjuntivo e pela permanência, ainda hoje, de desigualdades sociais e discriminações. Segundo o pesquisador Luis Bueno, a ficção brasileira foi formalmente afetada por esta disjunção, recurso pleno de sentido que muitas vezes é lido pela crítica como defeito. É a partir desta proposta interpretativa que este trabalho busca fazer uma leitura do romance oitocentista "Úrsula", da maranhense Maria Firmina dos Reis. A partir deste exercício interpretativo, busca-se encontrar os sentidos em escolhas formais da escritora que já foram consideradas erros pela crítica, como a suposta quebra no andamento da trama provocada pelo capítulo "A preta Susana".

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; literatura brasileira; disjunção

42. *Uma tradução-monstra: a re-visão como proposta de tradução da poesia de*

Elise Cowen.

Mestra Emanuela Carla Siqueira

Elise Cowen (1933-1962) foi uma poeta estadunidense nunca publicada em vida. Transeunte no que se conhece como Geração Beat, morreu aos 28 anos e deixou um único caderno, com 91 poemas. Durante décadas o caderno foi publicado apenas em fragmentos manipulados e apenas em 2014 foi editada uma versão integral, organizada por Toni Trigillio. Depois de mapear as temáticas do caderno, foi percebido que havia um constante diálogo com outras poetisas, ficcionistas, atrizes de cinema, amigas pessoais e outras mulheres que passavam pela vida da poeta. Agora, no processo de tradução do caderno, propõe-se uma metáfora de tradução-monstra, no sentido mary-shelleyana, onde os poemas são construídos utilizando corpos da poética de outras mulheres. Nesse trabalho será apresentado, lado a lado, o projeto poético de Elise Cowen e o projeto de tradução do caderno sobrevivente.

Palavras-chave: Elise Cowen, estudos feministas na tradução, mulheres na geração beat

43. Vilãs, vítimas e heroínas: uma leitura comparada das personagens femininas em *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë e em *Wide Sargasso Sea*, de Jena Rhys
Larissa de Oliveira Theodoro

Este trabalho tem como finalidade analisar diferentes interpretações a respeito das personagens Bertha Mason e Jane Eyre, que vem à tona pelo romance de Charlotte Brontë - *Jane Eyre*, de 1847 - sendo que uma dessas personagens, Bertha, tem sua história reescrita em *Wide Sargasso Sea*, de 1966, da autora caribenha Jean Rhys. Enfatiza-se, portanto, a representação de duas personagens complexas, completamente distintas entre si e com histórias que podem trazer diversas interpretações, além de serem personagens de romances de autoria feminina. Algumas dessas interpretações serão abordadas neste trabalho, tais como Jane e Bertha apresentadas nas condições de vilãs, vítimas e heroínas de suas próprias histórias, podendo ainda serem consideradas como influência na história uma da outra.

Palavras-chave: Literatura comparada; crítica feminista; ginocrítica; Bertha Mason; Jane Eyre

44. Writing in Cuban: vida e obra de Cristina García.

Mestra Jordana Cristina Blos Veiga Xavier

O trabalho de Cristina García reflete uma série de questões e experiências de uma geração de crianças que nasceram em Cuba e migraram com suas famílias para os Estados Unidos da América após a Revolução Cubana, em meados dos anos de 1960. García é autora de sete romances: *Dreaming in Cuban* (1992), *The Agüero Sisters* (1997), *Monkey Hunting* (2003), *A Handbook to Luck* (2007), *The Lady Matador's Hotel* (2010), *King of Cuba* (2013) e *Here in Berlin* (2017). Além de ter escrito dois livros infantis, publicados em 2008, a autora também possui uma coletânea de poemas (publicada em 2010), editou *Cubanismo: The Vintage Book of Contemporary Mexican, Chicano/a Literature* e um romance infanto-juvenil, *Dreams of Significant Girls*, que se passa num internato suíço nos anos 70. Suas obras compõem o corpo literário considerado coming-of-age literature cubano-americana.

Palavras-chave: Escrita feminina; Literatura pós-colonial; Literatura cubano-americana.

